

NEGRITUDE E AMÉRICA LATINA

João Carneiro

(Coordenador de Pesquisa da SBI/RJ)

A palavra *negritude* é hoje de uso corrente no mundo cultural, mas se a quisermos utilizar aqui, teremos que apontar claramente o conceito que dela deduzimos.

Como especificidade política, recorde-se que a *negritude*, enquanto movimento, nasce na década de trinta. Propõe-se, então, unicamente, revalorizar o homem negro. Tanto expressamente quanto ideologicamente, o seu referencial mais estreito é o movimento comunista seu contemporâneo.

Esta *negritude* há-de exprimir-se, programaticamente, na publicação: *Légitime Défense*, revista de que apenas um número sairá. Estamos em junho de 1932, em Paris. Seus criadores, mentores e redatores, são três estudantes latino-americanos da colônia francesa da Martinica: Jules Monnerot, Etienne Léro e René Menil. Para eles, claramente, o conflito racial é superado pela luta de classes.

Nous nous dressons ici contre tous ceux qui ne sont pas suffoqués par ce monde capitaliste, chretien, bourgeois dont à notre corps défendant nous faisons partie.

Monnerot, Léro e Menil são, pública e declaradamente, solidários com a *III Internacional* e, ao mesmo tempo, com o surrealismo, que só será estranho se não lembrarmos que, ao tempo, o movimento surrealista e os valores culturais estabelecidos pelos partidos comunistas se interligavam profundamente, ao menos nas suas mais evidentes aparências; só depois viria o incomensurável conflito entre a liberdade surrealista e as pudicas limitações estalinistas e pequeno-burguesas do chamado *realismo socialista*.

De fato, a poesia publicada no *Légitime Défense*, rigorosamente fiel ao laboratório surrealista, ainda nada tem de *negro* ou de *africano*, como muitos insistem, erradamente, em dizer. Seduzidos pelo forte apoio do dispositivo cultural do comunismo francês, aqueles três jovens escritores da Martinica partem da dinâmica própria do PCF para bem mais tarde ganharem a sua dinâmica específica.

A verdade é que, apesar de as teorias negritudinistas deixarem a partir de então de ostentar o materialismo dialético, os seus mestres e proclamadores não mais deixarão de utilizar-se do mecanismo da luta de classes, para exporem suas teses: muito mais quando se dirigem à intelectualidade européia, do que quando falam aos povos negros, notadamente africanos.

A movimentação essencialmente política iniciada em 32 com *Légitime Défense* vai prosseguir e quase ressuscitar, dois anos depois, novamente na capital francesa: agora como movimento essencialmente cultural e literário, cujo órgão será a revista *L'Etudiant Noir*. Fundando-a, dirigindo-a e redigindo-a, três estudantes negros, desde logo marcadamente universalistas: Léopold Sédar Senghor, Léon Damas e Aimé Césaire.

A causa primária do universalismo internacionalista destes jovens escritores, sua recusa ao regionalismo provinciano e limitativo, virá talvez, quase certamente, do fato de eles chegarem a Paris vindos de três espaços geográficos diversos e distintos. O africano Senghor chega do Senegal; o latino-americano Damas vem da Guiana; o latino-americano Césaire partirá da Martinica.

Em seus respectivos países, então colônias francesas, estes jovens intelectuais integravam a elite social e cultural. Por isso mesmo, podiam chegar à França para aumentar e completar o fundamental da sua já muito boa formação teórica.

Desembarcados naquela que era então a capital política-espiritual do mundo, Paris, a *cidade luz*, passaram a viver uma situação extraordinária, invulgar: uma situação duplamente ambígua. É que, ao mesmo tempo integrando uma minoria racial negra, dentro da grande massa dos estudantes europeus brancos, eles se sabiam e se sentiam parte integrante da elite do povo do seu país, povos com os quais se identificavam, ao serviço dos quais diziam desejar colocar suas capacidades, aquilo a que poderíamos chamar de o seu *talento*. Porque, para Senghor, Damas e Césaire, receber e solidificar uma educação européia era, sobretudo, a conquista de mais um meio para passar à etapa seguinte: a revalorização da tradição negra, ou, como depois e erradamente se vulgarizou, a revalorização da tradição africana.

A maioria dos estudiosos, como Nordmann-Seiler, considera que o chamado *estilo de Harlem*, nos Estados Unidos, foi o mais significativo precursor desta revalorização negritudinista, isto é, dos valores negros.

Realmente, depois da I Guerra Mundial, desabrochava nos USA, de uma forma que podemos considerar esteticamente revolucionária, toda uma poesia lírica negra, ostensivamente primitiva, de um primitivismo consciente e optado, enquadrada no grande movimento étnico-cultural a que se cha-

mou, com extrema felicidade, *Renascença Negra*, e cujo expoente maior terá sido o poeta Langston Hughes.

Por que este nome de *Renascença Negra*? Pelas inúmeras semelhanças formais e conteudísticas com o Renascimento. Mas, talvez ma's ainda com o Romantismo, naquilo que ele tinha de descoberta e utilização do elemento popular, naquilo que ele era de transmissão de gíria através de uma literatura simultâneamente folclorista e estilisticamente elevada.

No Haiti, esta revolução cultural dá à luz o *Indigenismo*, que irá até o ponto limite do restabelecimento dos cultos Vudu. Em Cuba, surge a riquíssima poesia no *Negrismo*, viva até hoje em vozes como a de Nicolas Guillén, tentando sintetizar a estrutura poética espanhola com a rítmica afro-caribana.

Todas estas coordenadas étnico-culturais vão convergir para a e se encontrar na *Negritude*, movimento que terá em Senghor o seu mais exemplar teórico. Ele definirá assim o movimento: *La Négritude, c'est l'ensemble des valeurs culturelles du monde noir, telles qu'elles s'expriment dans la vie, les institutions et les oeuvres des Noirs.*

Mais tarde, retrospectivando os primeiros anos de codificação da *Negritude*, Senghor escreveria: *Ce n'est pas nous qui avons inventé les expressions art nègre, musique nègre, danse nègre. Pas nous, la loi de participation. Ce sont les Blancs européens. Pour nous, notre souci, depuis les années 1932-1934, notre unique souci a été de l'assumer, cette Négritude, en la vivant, et, l'ayant vécue, d'en approfondir le sens. Pour la présenter, au monde, comme une pierre d'angle dans l'édification de la Civilization de l'Universel, qui sera l'oeuvre commune de toutes les races, de toutes les civilisations différentes — ou ne sera pas.*

Tal como acontecera com a civilização européia no Renascimento, também a nova *Civilização do Universal* se caracterizaria pelo princípio da evolução, da troca, da mudança. Por isso, em *Liberté I*, Senghor escreve: *C'est en cela que cette Négritude ouverte est un humanisme. Elle s'est enrichie singulièrement des apports de la civilisation européenne, et elle l'a enrichie.*

Mas esta palavra, *Negritude*, foi criada por um não-africano mais especificamente por um latino-americano negro da Martinica, Aimé Césaire, em seu belíssimo poema *Cahier d'un retour au pays natal*, editado em 1939:

Ma négritude n'est pas une pierre, sa surdité ruée contre la clameur du jour

Ma négritude n'est pas une taie d'eau morte sur l'oeil mort de la /terre

*ma négritude n'est ni une tour ni cathédrale
elle plonge dans la chair rouge du sol
elle plonge dans la chair ardente du ciel
elle troue l'accablement opaque de sa droite patience.*

Foi grande o número de neologismos inventados por Césaire. Talvez essa tenha sido uma das razões que o levaram a ser julgado pelos críticos parisienses como um surrealista. O próprio André Breton, quando fascinado pela descoberta do *Cahier*, escreveu o prefácio à edição de 1947, enquadrando Césaire nas hostes do Surrealismo.

Embora o patrimônio que alimentou o nascimento da *Négritude* literária englobasse técnicas e métodos surrealistas, a verdade é que Césaire parece nunca ter escrito nada a que possamos verdadeiramente chamar de surrealismo. Césaire apenas utilizou de um vocabulário de raiz africana, notadamente de nomes referentes à flora e à fauna.

Césaire considera o poeta como um profeta, alguém que descreve não apenas o presente, mas também e sobretudo o futuro. E o faz de forma imperativa, o que levou Janheinz Jahn a falar de um novo estilo, o *imperativismo*. Diz ele: *O papel desta poesia não é o de descrever o que é, mas o de criar as visões daquilo que deve ser. O seu estilo é portanto o imperativismo, a sua forma principal, o imperativo.*

Vejamos uma passagem do *Cahier* onde, segundo Jahn, é claro o emprego do estilo imperativo:

*vienne le colibri
vienne l'épervier
vienne le bris de l'horizon
vienne le cynocéphale
vienne le lotus porteur du monde
vienne de dauphins une insurrection perlière
brisant la coquille de la mer
vienne un plongeon d'îles
vienne la disparition des jours de chair
morte dans la chaux vive des rapaces
vienne les ovaires de l'eau où le futur
agite ses petites têtes
viennent les loups qui pâturent dans les orifices sauvages
du corps à l'heure où à l'auberge éclipse se rencontrent ma
lune

et ton soleil

il y a tes yeux qui sont sous la pierre grise du jour un
conglomérat frémissant de coccinelles.*

A poesia de Césaire, profundamente lírica, vai ecoar por toda a América Latina, Europa e África, como expressão da *Negritude*, isto é, segundo Senghor, como expressão do *regresso às origens*. E, seguindo a tradição oral negra, é na poesia que a *Negritude* vai encontrar seu veículo mais excelente. tanto quando nos fala das lendas, das fábulas e dos provérbios, como quando nos transporta ao épico, ao lírico ou ao enigmático. E porque a poesia negra é tradicionalmente servida e enriquecida por um acompanhamento musical, também a *Negritude* vai usar a cadência rítmica, podendo ser cantada e mesmo dançada. Não será, portanto, por simples acaso, que Senghor dirá, em *Liberté I: Je persiste à penser que le poème n'est accompli que s'il se fait chant, parole e musique en même temps*.

Nesta vertente assenta a oposição essencial entre a poesia negritudinista e a poesia branca contemporânea: enquanto o poema branco é, fundamentalmente, palavra, o poema negritudinista é, ao mesmo tempo, palavra e música. Como afirma Nordmann-Seiler, *as expressões culturais negras são interdependentes: pela música, a poesia liga-se à dança, assim como, pela importância da interpretação, à arte dramática*.

A *Negritude* vai se expressar, sobretudo, através do poesia lírica, que é o gênero mais característico da literatura negra tradicional, segundo o preconizado por Senghor, Damas e Césaire, os precursores da poesia de *regresso às origens*.

Se foi Césaire quem inventou uma nova terminologia, um novo código que exigia uma iniciação à civilização negra e suas tradições mais importantes, foi Senghor quem primeiro moldou uma língua estrangeira — a francesa — ao ritmo negro, à rítmica da repetição dos sons e das sílabas, ritmo do tantã, copiado através da aliteração. Senghor cultivava, na poesia, a po'irritmia que caracteriza a dança negra tradicional, com vários ritmos diversos integrando uma mesma composição. E surpreendentemente e' e consegue isso enquanto seu francês pode ser considerado clássico.

Mas, quem abriu o caminho foi Léon Damas, introduzindo o ritmo africano e a repetição na poesia de Língua francesa, apesar de não ter conseguido chegar a impor a essa língua os moldes negros tradicionais. Especialmente no famoso poema *Pigments*, o negro latino-americano Damas define-se como anti-racista e contrário ao assimilacionismo, posições que marcarão toda a literatura da *Negritude*. Neste anti-racismo se combaterá, ao mesmo tempo e com violência igual, tanto o racismo de brancos contra negros, quanto o de negros contra brancos. Legitimados pela influência recebida do movimento negro norte-americano, os primeiros teóricos negritudinistas vão se opor decididamente ao racismo anti-branco que, na década de trinta, sob o disfarce do *slogan black is beautiful* ganhava corpo nos Estados Unidos.

O apogeu da *Negritude* teria acontecido em 1948, com a publicação, por Senghor, da pioneira *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, cuja maioria dos antologiadados, surpreendentemente, eram negros não-africanos, latinos-americanos. Esta antologia foi prefaciada por Jean-Paul Sartre, que elaborou um verdadeiro ensaio, o *Orphée Noir*, um dos textos clássicos para a compreensão da *Negritude*. Sartre foi ao extremo de afirmar que aquela poesia era, ao tempo, a *única grande poesia revolucionária*.

Um ano antes, também em Paris, nascia a revista *Présence Africaine*, fundada pelo senegalês Alioune Diop, com a proposta de *contribuir para a unidade cultural do mundo negro*, transformando-se no principal e mais respeitado porta-voz da *Negritude* e de toda a inovada e emergente civilização negra.

A *Présence Africaine* trazia o subtítulo de *Revista Cultural do Mundo Negro*, numa alusão clara, sucessória, a uma outra revista, editada em Paris de 1931 a 1932, chamada *Revue du Monde Noir*, dirigida pela escritora Paullete Nardal, da Martinica, cuja palavra de ordem era: *Para a Paz, o Trabalho e a Justiça; pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. Para alguns, aí começou nascendo a *Negritude*.

Sem a obra de dois outros negros latino-americanos, Jean-Price Mars e René Maran, talvez a *Negritude* não tivesse sido possível.

Haitiano, Price-Mars editou em Paris, em 1928, *Ansi parla l'oncle*, um estudo etnográfico de reabilitação dos valores culturais negros.

René Maran, da Martinica, burocrata da administração colonial francesa, como Césaire, foi o provável precursor mais direto da *Negritude* quando, em 1921, em Paris, publicou o surpreendente romance *Batouala*, *Prémio Goncourt*, onde o discurso, de extremada violência, visava a dissecação do colonialismo francês, vigorosamente atacado no texto. Senghor diz que foi este o *primeiro livro onde, em estilo negro, se define a alma negra*.

Ao nascer, em Paris, a *Negritude* se propõe combater a tribalização e o sistema clânico que vigoravam entre os estudantes negros, procurando uma indispensável união que levasse a uma afirmação correta e ampla dos valores culturais negros. A *Negritude* veio traduzir o inconformismo do homem negro vítima da sujeição colonial e de toda uma discriminação intensa, motivada pelo preconceito de inferioridade da raça negra, subjugada pelo branco, auto-proclamado civilizado e superior.

Portanto, a *Negritude* nasce como afirmação de uma presença, de uma cultura e de uma civilização, cujas virtualidades e potencialidades o homem branco desconhecia ou fingia desconhecer. Começava assim, através da *Negritude*, a conscientização do negro face às injustiças e humilhações que o vitimavam; o negro passa a apelar para a comunhão de senti-

mentos, para a conquista de um espaço de congregação de todos os negros oprimidos, em redor de um mesmo ideal de combate à opressão.

Em 1947, no *Orphée Noir*, Sartre lera dialeticamente o fenômeno negritudinista, afirmando que a *Negritude é para se destruir, é passagem e não término, meio e não fim último* . . .

Porém, a *Negritude* ainda vive, embora em moldes e com objetivos essencialmente diversos dos moldes e objetivos iniciais. Da agressividade dos anos trinta e quarenta passou-se à moderação conciliadora de Senghor, que desde então, com exclusividade, assumiu politicamente a liderança do movimento político-cultural.

Ela sobrevive, apesar da oposição de vozes tão significativas como as do grupo *Orfeu Negro*, da universidade nigeriana de Ibadan, com um Wole Soyinka proclamando que o *tigre não necessita de proclamar a sua tigritude, porque é uma evidência*, ou com um Stanislas Adotevi concluindo que a *Negritude traduz a maneira negra de ser branco*.

Para o angolano Mário Pinto de Andrade, atual ministro da Cultura da Guiné-Bissau, *quem pela primeira vez exprimiu a Negritude em língua portuguesa, foi Francisco José Tenreiro, no seu livro Ilha de Nome Santo, datado de 1942*.

Tenreiro, nascido na então colônia portuguesa de São Tomé e Príncipe, afirma em 1953 que *porque a Negritude põe de lado facções políticas e patriotismos estreitos, e repousa numa consciência em vias de renascimento, o negro, neste diálogo, é estruturalmente claro e direto nas suas falas, amargo e duro por vezes — a dureza necessária para que os ouvidos de todos a possam apereber plena*.

Anos mais tarde, ele insistiria em dizer que a *Negritude é um movimento essencialmente cultural* (...), produto daqueles intelectuais que sentem a necessidade de um movimento que leve à compreensão e à revalorização do homem e da cultura negra. Para Tenreiro, a *Negritude é a procura de um diálogo franco, humanista e fraterno entre os negros e os não-negros*.

Teóricamente, *Negritude* é um humanismo anti-racista, um contra-racismo; mesmo atacando, combatendo, lutando de armas na mão, nunca é racista. Como escreve Senghor, *a Negritude é um fato: uma cultura. É o conjunto dos valores (econômicos, políticos, intelectuais, morais, artísticos, sociais) não só dos povos da África Negra, mas ainda das minorias negras da América, mesmo da Ásia e da Oceania. É o conjunto dos valores de civilização do mundo negro*.

Articulada, segundo Albert Franklin, no racismo anti-racista, no sentimento do coletivismo, no ritmo, na concepção sexual, na comunicação

com a natureza e no culto dos antepassados, a *Negritude* poderia, segundo Sartre, definir-se como *uma certa atitude afetiva em relação ao mundo*.

Diz Senghor, a respeito, que para Césaire, o branco simboliza o capital, tal como o negro simboliza o trabalho. Através dos homens de pele negra da sua raça, é a luta do proletariado mundial que ele canta. Césaire responde: Senghor e eu inventamos e demos conteúdo ao conceito e ao movimento da *Negritude*. Mas Senghor e eu não estamos mais de acordo sobre a sua noção e a sua prática. Ele parece ter feito dela uma metafísica. Porém, ambos pretendem perseguir um mesmo objetivo: chegar a uma conjugação direta de todos os humanismos, para atingir um só e único humanismo.

Roger Bastide considera que a *Negritude* também chegou ao Brasil: das mútuas influências entre modernistas e regionalistas resultou uma expressão nacional, que incorporou valores negros, índios e brancos, o *mulatismo*, uma identidade mestiça, uma originalidade cultural, uma variante brasileira da *Negritude*, florescendo na década de trinta.

Já o *brasilianista* David Brookshaw, irlandês, afirma que quando as primeiras vozes negras brasileiras se fizeram ouvir através da imprensa, principalmente depois de 1924(...) tinham como objetivo suscitar uma consciência de classe, a fim de despertar a disposição da massa da população afro-brasileira como um todo e ensinar as técnicas de competição empregadas pelos imigrantes brancos. E aponta o poeta Lino Guedes como exemplo típico dessa atuação.

Ele acrescenta, ainda, que a questão da raça reapareceu como tema literário nos anos 50 e 60, entre uma jovem geração de escritores negros paulistas. (...) Esses escritores representavam os sentimentos da classe média negra letrada, na procura de uma identidade num mundo social etnicamente branco, que os discriminava. Assim, na poesia, de Eduardo de Oliveira e Oswaldo Camargo, veem-se os primeiros tímidos sinais de uma consciência de *negritude*.

Também o pernambucano Solano Trindade e o carioca Nei Lopes teriam guardado, segundo Brookshaw, uma espontaneidade e um ritmo que tem algo a ver com a *Negritude*. O cientista irlandês não poupa severas críticas aos poetas Guedes, Trindade, Oliveira e Camargo, que considera os únicos potencialmente enquadráveis na *Negritude*.

Para Brookshaw, Guedes expressa o *patriotismo racial*; Oliveira e Camargo são *tardiamente negritudinistas* e, mais do que rebeldes, apenas desejam partilhar dos privilégios da pequena-burguesia branca; Solano e Nei seriam *meros sucessores negros dos modernistas brancos*.

Finalmente, será que, como escreve Adotevi, hoje, a *Negritude* não é mais que uma propaganda e um remédio? Um ópio? Uma fórmula bi-

zarra de divisão racial (...) que possibilita regimes neocolonialistas? Uma droga contra-revolucionária?

Ou, será a *Negritude* uma das formas possíveis de, ao mesmo tempo, respeitar os direitos humanos e impedir o neocolonialismo expansionista das super-potências? Poderá a *Negritude* servir de exemplo de não alinhamento para os homens do Terceiro Mundo?

Em setembro de 1964, no Rio de Janeiro, Candido Mendes afirmava: *Há pois uma nova dimensão do humanismo que rompe hoje no Terceiro Mundo e nele, especialmente, na orla afro-asiática. Repousa na mediação oferecida à vontade de alguns líderes, de transformá-la numa vontade comunitária. (...) Avivado pela manutenção do teor da liberdade das idéias, de seu caminho dialético, a contribuição de Senghor marca uma atitude e uma postura de espírito, dominados por duas premissas fundamentais. A primeira delas está na lucidez com que a definição do socialismo como modelo para a experiência de desenvolvimento africano pôde ser sempre confrontada com a multiplicidade de impasses e êxitos da história — e face a ela explicada, corrigida, e, especialmente, decantada. De saída, logrou o pensamento de Senghor (...) desligar a concepção do socialismo das próprias premissas filosóficas em que o condicionamento histórico do marxismo recambiava-o e tornava-o cativo de uma peculiar circunstância da evolução da sociedade européia. (...) Na outra vertente das idéias, na força que anima o seu pensamento, Senghor se fez campeão do conceito de uma Civilização do Universal. (...) Na defesa do enraizamento cultural da civilização negra, defendeu um contínuo galgar de fronteiras por uma simbiose que, inclusive, procura agora uma integração supracontinental.*

O próprio Senghor diria, então, que é verdade que nós não esperamos pelos revolucionários Marx, Lenine ou Mao, para pensarem a nossa situação e trabalharem para nós na construção de um modelo — cultural e político, econômico e social — ao mesmo tempo de acordo com os valores da *Negritude* e com os valores da modernidade. Nós não recusamos as civilizações nem da Europa, nem da América, nem da Ásia; nós não repudiamos sequer abordar as ideologias (capitalismo liberal ou socialismo democrático, marxismo-leninismo de tipo russo ou de tipo chinês) de que se servem os imperialismos em luta pela dominação do mundo, particularmente da África, e onde nós, militantes da *Negritude*, temos muito a aprender e a apreender. Mas, como o management americano após o velho capitalismo europeu, como Lenine após Marx, nós devemos, após Mao e Nehru, pensar e agir por nós mesmos e para nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA

ADOTEVI, Stanislas — *Négritude et négrologues*. Paris, UGE, 1972

BROOKSHAW, David — “Quatro poetas negros brasileiros”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 2, ano 1, Rio de Janeiro maio-agosto/78.

- CARRILHO, Maria — *Sociologia da Negritude*. Lisboa, Ed. 70, 1975
- CÉSAIRE, Aimé — *Cahier d'un retour au pays natal*. Paris, Gallimard, 1956
- CÉSAIRE, Aimé — *Toussaint Louverture*. Paris, Club Français du Livre, 1962
- CÉSAIRE, Aimé — *Les Armes miraculeuses*. Paris, Gallimard, 1946
- CÉSAIRE, Aimé — *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa, Ed. Sá da Costa, 1978
- COLE, Desmond — "The history of African linguistics to 1945". In: *Current Trends in Linguistics*. nº 7, Mouton, Paris, 1971
- DEPESTRE, René — *Bonjour et adieu à la négritude*. Paris, Éditions Robert Laffond, 1980
- DU BOIS, William — *Âmes noires*. Paris, Ed. Présence Africaine, 1959
- FANON, Frantz — *Les damnés de la terre*. Paris, Maspero, 1970
- FANON, Frantz — *Pele negra, máscaras brancas*. Porto, Ed A. Ferreira, s/d
- JANHEINZ, Jahn — *Manuel de littérature néo-africaine*. Paris, Ed. Resma, 1969
- JANHEINZ, Jahn — *Muntu: Las culturas de la negritud*. México, FCE, 1963
- KESTELOOT, Lylia — *Aimé Césaire*. Paris, Seghers, 1962
- LÉVY-BRUHL, Lucien — *Carnets*. Paris, PUF, 1949
- MARGARIDO, Alfredo — *Negritude e humanismo*. Lisboa, CEI, 1964
- MONDEJAR, Publio L. — *Poesia de la negritud*. Madrid, Ed. Fundamentos, 1972
- MONTENEGRO, José — *A negritude: dos mitos à realidade*. Braga, Ed. Pax, 1967
- NDENGUE, J.M. Abanda — *De la négritude au négritisme*. Yaoundé, Ed. CLE, 1970
- NEVES, Fernando — *Negritude, indenpendência, revolução*. Paris, Ed. ETC, 1975
- NORDMANN-SEILER, Almut — *La littérature néo-africaine*. Paris, PUF, 1976
- PRICE-MARS, Jean- *Silhouettes de nègres et de négrophiles*. Paris, Présence Africaine, 1960
- SANTOS, Eduardo dos — *A negritude e a luta pelas independências na África Portuguesa*. Lisboa, Ed. Ninerva, 1975
- SARTRE, Jean-Paul — "Orphée noir". In: *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris, PUF, 1972
- SENGHOR, Léopold — "Prefácio": *Les nouveaux contes d'Amadou Koumba*, de Birago Diop, Paris, Ed. Présence Africaine, 1958
- SENGHOR, Léopold — "L'âme africaine et la poésie". In *Annales du Centre Universitaire Méditerranéen*, Tome III, 1951
- SENGHOR, Léopold — *De la négritude*. Paris, Diogène, 37, 1962
- SENGHOR, Léopold — *Liberté 3: négritude et civilisation de l'universel*. Paris, Ed. du Seuil, 1977
- WRIGHT, Richard — *Black Power*. London, Dennis Dobson, 1954